

PELO VIÉS DA SINTAXE, O ACESSO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO¹

Rosely Diniz da Silva MACHADO

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Pêcheux (1981), ao referir a questão da heterogeneidade discursiva, fala sobre a construção de meios de análise lingüística e discursiva, e da reflexão sobre o que se trabalha na e sob a gramática, nas bordas discursivas da língua.

Nesse sentido, Pêcheux destaca o fato de o estudo discursivo voltar-se para o efeito do real histórico que no interdiscurso funciona como uma causalidade heterogênea, e o efeito do real sintático, que condiciona a estrutura internamente contraditória da seqüência intradiscursiva.

Ainda enfatiza o autor que a AD se encontra presa entre o real da língua e o real da história, sendo preciso, portanto, buscar o efeito do interdiscurso no intradiscurso, ou seja, o efeito do real da língua e da história.

Entende-se com isso que tanto a noção de língua quanto a de história vão assegurar uma especificidade própria no modo como a AD as entende. É justamente considerando a noção de real da língua e da história que pretendo tecer algumas considerações acerca da sintaxe do discurso.

É fundamental compreendermos que a sintaxe pressupõe uma organização, mas não compõe um lugar de estabilização e homogeneidade. Ela parte da organização da língua e vai além, toca na ordem da língua, em sua exterioridade e historicidade que são constitutivas.

De acordo com Pêcheux, o sistema sintático admite na sua estrutura o espaço para a transgressão da regra. Nesse sentido, a língua não é um ritual sem falhas e a ancoragem na língua é a via de acesso a uma sintaxe que constitui a “ossatura” de uma teoria do sentido.

¹ Esse texto tem por objetivo estabelecer um diálogo com o texto de Sargentini e Silva: Análise de discurso Político e a Política da Análise do Discurso, apresentado como painel no 1º SEAD.

Para Orlandi (1996), tanto o discurso quanto a língua têm sua ordem própria e esta ordem se manifesta e se mostra na organização. Ao analista, portanto, a sintaxe interessa como um modo de acesso à “ordem da língua”.

Pensar a noção de língua afetada pelo real, conforme Lacan, nos possibilita trabalhar o impossível como condição da língua. Falar de língua implica também falar da falta, do equívoco – entendido como área de tensão e ponto de encontro entre a materialidade lingüística e a materialidade histórica.

Juntamente com essa noção de equívoco temos a noção de resistência e uma concepção de língua pensada não de modo asséptico, mas em sua instabilidade e heterogeneidade.

Ferreira (2000), ao discutir o fenômeno da resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso, lembra que a AD vai se interessar por um terreno escorregadio, onde se dão as falhas, os deslocamentos, as rupturas de sentido, e por onde se percebem os pontos de deriva dos enunciados. E é justamente isso que a faz ficar presa entre o real da língua e o real da história, ou seja, entre a materialidade e o acontecimento, ou entre o impossível e a contradição.

Então, a sintaxe nos aproxima necessariamente do que é próprio da língua - o seu real- o lugar de acesso à sua ordem. E para assim pensarmos, é preciso uma mudança de terreno que nos permita conceber a língua como elemento de base material, cuja heterogeneidade e imprevisibilidade associada à materialidade do processo sócio-histórico constitui o lugar da produção dos efeitos de sentido.

Assim, falar de sintaxe não é mobilizar conceitos que “enformam” ou “(des)enformam” os encaixes sintáticos, mas é considerar que o discurso é “afetado” pelo interdiscurso e este pelo pré-construído. Portanto, a sintaxe é concebida como lugar de “mediação” entre dois planos: língua e discurso. A sintaxe é afetada pela exterioridade, ela é também o lugar de intervenção da historicidade na língua e é neste lugar que podemos, então, observar o funcionamento da língua.

Para a teoria do discurso, a sintaxe não se coloca como um domínio neutro de regras formais, uma vez que só pela língua não se consegue dar conta de um domínio do sentido. A AD concebe a língua como um lugar de ancoragem do

discurso, é uma forma material afetada pela historicidade. Por essa razão uma abordagem discursiva da sintaxe não pode concebê-la meramente enquanto produto, mas enquanto processo de constituição múltipla dos sentidos, como lugar para os deslizamentos, para a mútua sobreposição significado/significante. E a língua olhada por essa sintaxe será abordada em seu funcionamento, sobrepondo-se às suas funções, visto que a sintaxe, tomada enquanto ponto de materialização e formulação, será o lugar de articulação da base lingüística e do processo discursivo.

Enquanto afetada pela exterioridade, a sintaxe tem relação com a ordem da língua e é por meio dessa ordem que se dá a inscrição na exterioridade. Isso significa que há uma passagem da organização para a ordem da língua, e o sintoma dessa passagem é o impossível inscrito na própria língua, que está exposta ao equívoco e à falta que lhe são constitutivos.

Assim, o sistema discursivo atualiza a noção de estrutura, e a noção de acontecimento permite que algo existente na exterioridade preencha essa estrutura. O fato de o acontecimento “acionar” um “já-dito” que se encontra “já-aí” e “agora”, e pressupor a existência de um pré-construído que compõe o “jogo discursivo” faz da sintaxe o lugar de observação; como propõe Ferreira citando Marandin, Milner e Robin: “a sintaxe é uma espécie de observatório dos discursos, cuja função do analista é apreender, em diferentes planos (morfológico, lexical, sintático, semântico e discursivo) e no seu funcionamento, o que a língua comporta”.

Daí a idéia de interface entre sintaxe e discurso à qual se refere a autora (p.62) e que aponta para a ruptura, para o sistema, ou seja, os fatos lingüísticos se situam no espaço de tensão entre o que escapa a uma sistematização e o que se encontra estabelecido pelas regras, caracterizando uma zona nebulosa, onde o não-sentido faz sentido, o proibido e impossível encontram lugar. Na teoria do discurso, a sintaxe enquanto sistema admite furos, medeia forma e sentido, mobilizando diferentes planos da língua.

Não há língua sem sintaxe, e isso nos permite dizer que todo evento, todo acontecimento vai se organizar pela língua, e essa historicidade da qual falamos

e que se manifesta pela língua é o discurso. Desse modo, percebemos que a estrutura não tem somente um caráter formal, ela manifesta o acontecimento, e é justamente a sintaxe, enquanto ferramenta, que dá acesso ao acontecimento discursivo, ela é o ponto de materialização, formulação, enfim, é o lugar privilegiado como observatório do discurso, lá onde se penetra nos limites fugidios e nas bordas da língua, antes, deixadas à margem por diferentes teorias lingüísticas.

Compreendemos com isso que a sintaxe do discurso não é a mesma da sintaxe lingüística, quer estruturalista, quer gerativista. Para que a rede sintática seja afetada pelo discurso, é preciso que sua trama comporte os furos, e nesse sentido é possível remetermos a sintaxe à figura da rede de pesca, cuja existência não pode ser pensada sem os espaços vazados que se intercalam à trama dos fios. Os furos tornam-se, assim, parte constitutiva da rede, de modo que ela passa a ser duplamente suportada – pelo fio, ordenadamente tramado, e pela ausência dele em cada espaço lacunar que os próprios fios desenham.

A sintaxe, do mesmo modo, é parte constitutiva da engrenagem do discurso, de tal modo que ela afeta a estrutura da língua, ao mesmo tempo em que possibilita que a língua seja afetada pela exterioridade. E o ponto de contato língua/exterioridade são exatamente os “furos”, que podem aqui ser lidos, como o equívoco ou a falha, instâncias essas que articulam a incidência do real da história no real da língua e dizem sobre a desestabilização das supostas homogeneidades. Assim, é a rede -tramada por ausências e presenças- que desencadeia a “pesca miraculosa”, imagem essa cunhada por Courtine e Marandin (1980), e em cujas malhas sujeitos e sentidos vêm-se “trapaceados” pela própria língua, portadora, em sua própria ordem, das artimanhas capazes de subversão dos sentidos aparentemente estabilizados.

A possibilidade da falha na língua remete ao princípio de que, para a AD, a língua é afetada pela equivocidade, conforme já o dissemos, ou seja, pelo real da língua que constitui a entrada da língua no discurso. O equívoco, a falha ao mesmo tempo em que são constitutivos da língua, caracterizam-se como resistências que se dão na materialidade lingüística. Portanto, é a partir disso que

a língua comporta em sua própria estrutura a subversão. E o lugar – ou um dos – de vislumbrar e acessar essa subversão é a sintaxe.

Esses são alguns pontos a partir dos quais podemos refletir acerca do que diz Pêcheux quanto à necessidade de se buscar o efeito do interdiscurso no intradiscurso, o efeito do real histórico e o real sintático.

Bibliografia

COURTINE, J. J.; MARANDIN, J.M. *Quel objet pour l'analyse du discours?* In: *Matérialités discursives*. Colloque à l'Université Paris X-Nanterre 1980. Lille: Presses Universitaires de Lille. 1981.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FERREIRA, M. C. L. et al (Org.) *Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)*. Porto Alegre: UFRGS; Instituto de Letras, 2001.

ORLANDI, E. P. . *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis; RJ; Vozes; 1996.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Les vérités de la palice*. Trad. brasileira de Eni Orlandi et al *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel (1981). *L'étrange miroir de l'Analyse du Discours*. In: *Langages* n° 62, Paris, pp. 5-8; juin 1981.

PÊCHEUX, Michel (1988). *Discours: structure ou événement?* Trad. brasileira de Eni Orlandi. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2ª ed., Campinas: Pontes, 1997.